

- XLIX -**A FORMAÇÃO DO DIRETOR E A ESCOLA PÚBLICA:
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA****Me. João Ferreira Filho**

Unesp de Pres. Prudente - joaofilho23@gmail.com

Profa. Dra. Yoshie Ussami Ferrari Leite

Unesp de Pres. Prudente – yoshie.leite@unesp.br

INTRODUÇÃO

Foi a partir da década de 1960 que a educação escolar passou a abrigar todas as crianças do nosso país. A ampliação das vagas passou a exigir uma nova forma de atuação da escola pública e do diretor. Assim, para atingir esse ideal é preciso que a gestão se faça de forma democrática e participativa, destacando a importância da figura do diretor.

Concordando com os pressupostos democráticos anunciados por Libâneo; Oliveira; Toschi (2012), este trabalho, síntese de minha dissertação de mestrado, buscou responder a questão: como se dá a formação do diretor de escola que tem como pressuposto os princípios democráticos?

Para desenvolvê-lo buscamos a autobiografia dentro do que Josso (2006) propõe. Assim, minha dissertação foi pensada e sintetizada sobre quatro eixos básicos: eu, enquanto aluno; eu, enquanto professor; eu, como diretor escola e, finalmente, eu, diretor e a comunidade escolar.

Em cada eixos procurei resgatar a história social do momento; tentei resgatar os fatores históricos da educação; trouxe para apoiar e significar a reflexão, alguns pensadores da época que contribuíram para elucidar a educação e o papel do diretor.

DESENVOLVIMENTO: DOS “EUS” JOÃO PARA O “EU” DIRETOR

Para esta caminhada duas questões foram necessárias: como na história de minha vida se constituiu a formação do Diretor de Escola pública que sou? E, como me constitui como diretor com tendências democráticas preocupado com a qualidade do ensino? Na tentativa de responde-las rememorei fatos de minha vida que estavam dispersos entre uma lembrança e outra, mas, mais que isto, fui percebendo que nossa existência e fruto de escolhas que vão formando e constituindo os “eus” de nossa existência.

A narrativa iniciou com minha caminhada rumo à escola primária, primeiro contato com o saber instituído. Esta passagem pelo Grupo Escolar me fez entender que os saberes que me foram propostos eram frutos de reflexões acadêmicas e tentativas de atender a um período histórico específico e peculiar, a ditadura militar brasileira. Segui a história e cursei o ginásio profissionalizante. Desfiz escolhas e cursei colegial agropecuário, trabalhei na área; desfiz esta escolha e fiz a de ser seminarista, cursei filosofia e teologia, desfiz a escolha clerical e mantive a filosofia e fui ser professor.

Como professor vivenciei escolas que o diretor não soube de minha existência e eu não soube da dele. Eu entrava e saía da escola observado por um inspetor de alunos que abria e fechava os portões e que a mim se dirigia com um “boa noite”, dava minhas aulas sem conhecer Coordenador, Projeto Pedagógico e Calendário Escolar. Vivenciei escolas em que o diretor me recebeu no primeiro dia de aula, sentou comigo e dividiu suas preocupações e me ajudou a planejar. Me ensinou a ser professor.

Conheci diretor que apenas lamuriava o tempo passado, chorando as ditas “perdas” que a educação sofrera ao se renovar, era amargo! Mas conheci diretor que se sentava como os professores nas Reuniões Pedagógicas, que estudava conosco apoiando e ensinando a ver o aluno como um todo e não restrito a um ou outro saber acadêmico.

Todas estas experiências permaneceram em minha memória e foram me constituindo.

De Professor para Diretor de Escola foi um salto, frutos de uma conquista que não é só minha, mas participam meu pai e minha mãe.

Assim, em junho de 1998 ingressei como Diretor de Escola e cheguei à EE Francisco Whitacker, município de Anhumas/SP. Temeroso e inseguro, dei meus primeiros passos sem saber ao certo o rumo que tomaria. Tinha mais dúvidas que certezas, na verdade as únicas convicções que trazia eram as que adquirira no caminhar de minhas estradas: é preciso ouvir e fazer junto.

Me abri para o diálogo. Me propus a caminhar junto. Com o tempo aprendi que minha posição de diretor ajudaria a conquistar caminhos melhores e mais frutuosos para os que buscavam o conhecimento. Formamos grupo de estudo com pais e funcionários para entendermos as mudanças da SEE/SP, discutia com a Coordenação e com os professores nas reuniões pedagógicas.

Depois passei oito meses na direção da escola Arruda Mello, de Prudente. Escola grande, central, com problemas múltiplos e diferentes dos que enfrentara na escola anterior.

Do Arruda Mello voltei para Anhumas, mas poucos meses depois fui convidado para dirigir o CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). Neste os problemas sociais eram menores e os administrativos pequenos, mas, o desafio pedagógico gigantesco. Então precisei aprender a ser diretor pedagógico. Assim, fui aprendendo entre uma e outra reunião pedagógica.

Após o encerramento do CEFAM em 2005, passei alguns meses na Diretoria de Ensino e fui removido para a EE Francisco Pessoa, localizada no bairro Ana Jacinta de Prudente, a cerca de 10 km do centro da cidade.

Cheguei ansioso, com frio na barriga, mas não temia como temi quando ingressei, tinha convicções mais amadurecidas, mas não fui afoito. Primeiro analisei e conheci a escola, seus alunos, professores, funcionários e comunidade. Ouvi mais do que fiz; constitui uma equipe de trabalho afinada nos mesmos ideais e convicções, comecei a agir e não mais separava o administrativo do pedagógico.

Não conseguimos um grêmio estudantil forte, mas por um tempo reunimos escolares e comunidade e discutimos as preocupações comuns; conseguimos parceria com a universidade que refletiu conosco as dificuldades do processo educacional.

Mas foi preciso mudar e desde 2011 estou na escola Arlindo Fantini, localiza num bairro próximo ao centro de Prudente, mas marcado por grande diferença social e problemas semelhantes aos encontrados no Ana Jacinta.

Já contava com treze anos como Diretor de Escola e com a experiência de quatro diferentes escolas, por isto fui menos cauteloso e temeroso. Atendi de pronto o administrativo que precisava de acertos severos, mas caminhei com o pedagógico ouvindo e refletindo com os alunos e com os professores.

Com o passar do tempo formamos uma equipe gestora que trabalha bastante afinada. Passamos a ter um Grêmio atuante que trabalha em concordância aos interesses dos alunos. Os afazeres administrativos se reduziram à normalidade e pudemos dar maior ênfase ao pedagógico.

Conseguimos manter bom diálogo e cumplicidade como os pais, que participam com mais assiduidade nas reuniões. Há falhas porque não conseguimos dar conta de todos os afazeres, não conseguimos acompanhar de perto as aulas dos professores para dar-lhes suporte; falta olhar o noturno para que não se percam na evasão e retenção.

Entendemos que o exercício democrático foi acontecendo ao longo da caminhada através dos encontros que fazemos com os diversos segmentos da escola; ao nos reunirmos em ATPC e em planejamento de forma coletiva ouvindo e refletindo com alunos e pais de alunos; encontros com líderes de sala; reuniões corriqueiras com o Grêmio e semanais com a equipe pedagógica. Acreditamos que todos estes são espaços de construção do coletivo e exercício de gestão que se pretende democrática.

Finalmente, passados sete anos de trabalho posso dizer que o diálogo foi restabelecido, que caminhamos construindo juntos. Pelas falas e avaliações realizadas junto à comunidade percebemos que o caminho se faz no e pelo exercício democrático e com vista a educação com mais qualidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Depois de debruçar-me neste estudo percebo que por mais que entenda ser minha caminhada uma busca por educação de qualidade para todos por meio do exercício democrático, ainda há muito a ser feito, pois o exercício democrático se faz no caminhar, no refletir conjunto.

Igualmente é o ser Diretor de Escola. Não se faz um Diretor apenas nos bancos acadêmicos, mas também não se faz sem estes saberes. O saber acadêmico e pedagógico nos permite encurtar caminhos e facilita escolhas. Porém, o saber sem a realidade, sem o chão da escola, não produz os efeitos desejados. Ser Diretor de Escola é uma construção cotidiana, de leitura diária da escola e dos problemas reais que nela se apresenta.

Quanto às questões levantadas e que deram o impulso necessário a estas reflexões creio que com segurança posso afirmar: me fiz ao longo de minhas experiências de vida e, à medida que fui me fazendo, meus olhares foram se transformando, fui aprendendo a ler os fatos e a história diferentemente e me constitui no Diretor de Escola que sou, que possuí convicções democráticas e acredita na educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvendamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. Tradução de Denise Barbara Catani. In: SOUZA, Elizeu Clemente e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRC, 2006, p. 21-40.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10 ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2012. 543p.